

**A MORTE DA VIDA URBANA NO BAIRRO: o que nos revela os indicadores do bairro do Retiro em Salvador - BA?**

**JOSE FLÁVIO DOS SANTOS PASSOS**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

**ANGÉLICA OLÍMPIA DE OLIVEIRA SANTOS**

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (UNEB)

**TANIA MOURA BENEVIDES**

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (UNEB)

**ALINE PAULIANA SOARES FERREIRA LIMA**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

**LAVINIA SILVA DOS SANTOS**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

Agradecimento à orgão de fomento:

Embasa, UFBA, UNEB, UEFS e FAPESB.

## **A MORTE DA VIDA URBANA NO BAIRRO: o que nos revela os indicadores do bairro do Retiro em Salvador - Ba?**

### **1 INTRODUÇÃO**

Iniciar uma reflexão sobre a segregação socioespacial e a precariedade de equipamentos urbanos em determinados locais culminando na ausência de pessoas nas ruas, ao que denominamos “morte urbana” em determinado bairro ou região, em especial, bairros ditos periféricos, requer sensibilidade e apuração minuciosa de dados em diferentes órgãos do setor público e privado. Revisitar pesquisas realizadas anteriormente e examinar indicadores cooperam para apontar possíveis causas e possíveis soluções para a morte dos espaços urbanos. Antes de tudo, o resultado obtido através de pesquisa de campo nos fornece uma dimensão do quanto mover-se pela cidade ainda é uma regalia para poucos (CORRÊA, 2004). Essa abordagem evidencia não só uma camada da população estatisticamente representativa, mas também uma pequena parcela de sujeitos socialmente significativos. A interrogação que se coloca é exatamente a da qualidade de vida urbana de um pequeno número de indivíduos, que inevitavelmente se apresentam na investigação (GUERRA, 2006).

A pesquisa que originou o artigo proposto está diretamente ligada ao projeto da equipe transdisciplinar QUALISalvador, cujo objetivo é o de fornecer e analisar dados que possam colaborar com as questões de desenvolvimento urbano-ambiental da cidade do Salvador. Essa análise parte da tipologia intraurbana que descreve a diversidade das condições de vida de uma população nas grandes metrópoles. O presente artigo propõe mostrar um recorte do estudo realizado pelo subgrupo QUALISeg, que tem como finalidade explorar os dados obtidos através de pesquisa de campo, alinhado com as necessidades de se aprofundar o debate sobre as questões de segurança e a organização do bairro na escala intrabairro.

É impossível analisar os impactos das políticas de segurança pública e de acesso à cidade sem dados, sem pesquisa e sem vivência. A partir dessa constatação e com o resultado da pesquisa realizada pela equipe QUALISalvador - que reúne profissionais de diversas áreas, professores pesquisadores e estudantes de graduação de três das maiores universidades públicas da Bahia, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) - foi possível adotar um recorte para esse artigo sustentando a análise nos dados do QUALISalvador. A pesquisa em referência foi realizada em todos os bairros de Salvador, no período entre 2018 e 2020. Esse Projeto recebeu apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB) e da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (EMBASA) e envolve três das maiores instituições de ensino superior públicas do estado da Bahia como já mencionadas anteriormente.

Considerando o contexto urbano da cidade de Salvador e os dados do Projeto QUALISalvador, este artigo parte da seguinte questão de investigação: quais são os elementos determinantes que configuram as elevadas taxas de homicídio e de crimes contra o patrimônio no bairro do Retiro? A análise compreende a discussão acerca dos indicadores de renda, escolaridade, gênero, idade, cor/etnia, assim como, os dados de percepção de segurança dos moradores do bairro estudado. A fim de responder a questão de investigação, este artigo tem por objetivo geral identificar os elementos determinantes que configuram as elevadas taxas de homicídio e de crimes contra o patrimônio no bairro do Retiro. Por objetivos específicos definiu-se: identificar o perfil dos moradores do bairro do Retiro através de renda, escolaridade, gênero, idade, cor/etnia; e analisar

a taxa de homicídios em relação ao número de habitantes do bairro, a partir dos dados do projeto QUALISalvador.

Esse estudo se justifica em função da necessidade de entender os elementos que influenciam os indicadores de um bairro específico, buscando compreender a escala intrabairro, de um bairro com particularidade tão distintas – o Retiro. Os achados de pesquisa podem ajudar a compreender a dinâmica local, fomentando outras análises que possam contribuir para a adoção de ações corretivas por parte do poder público.

Este artigo está dividido em cinco seções, incluindo a introdução aqui apresentada. A segunda seção destina-se a apresentação do referencial teórico. Na terceira é apresentado o percurso metodológico. A quarta seção destina-se a apresentação dos resultados obtidos, sendo denominada de “A vida e morte do bairro do Retiro” e a quinta e última seção destina-se a apresentação das considerações finais.

## **2 A VIDA E A MORTE URBANA**

A passagem de tempo construída por Rolnik (2017) relata que tanto no passado quanto na contemporaneidade a cidade foi modificada ou moldada de acordo aos interesses de determinados grupos, antes por monarquias, hoje por detentores do capital e do poder público-administrativo. Graham (2016) ressalta que a história de criação e ocupação dos espaços urbanos deve levar em conta o seu papel central como local político e militar. Por conta disso, as cidades enfrentam inúmeras formas de violência, para atender os interesses pessoais dos grupos privilegiados, muitas vezes ocultos no discurso de melhorias para todos.

É possível compreender que essa agenda pública de progresso e avanço das cidades não contempla de maneira igual a coletividade. Quando o poder público decide por uma reformulação (construção) de um espaço da cidade leva ao que Graham (2016) chama de limpeza legitimada, a remoção do indesejável em nome da modernização, que irá engendrar numa parte da população a ideia de progresso da cidade, proveniente do detrimento de uma massa populacional que não terá o direito de usufruir de perto ou de estar próximo dessas estruturas construídas para o “benefício de todo o coletivo” habitante da urbe (ROLNIK, 2017; GRAHAM, 2016).

Segundo Gehl (2015) a sociedade humana está organizada em torno de várias estruturas sociais que vão definir e reforçar a sensação individual de pertencimento daquele local e de segurança. A rápida urbanização sofrida fez com que a população urbana precisasse criar inúmeros e complexos sistemas que sustentam a vida em cidades, desde infraestruturas aos de tecnologia. Se por um lado toda a infraestrutura montada - metrô, redes de computação, terminais rodoviários, sistema de água e saneamento, entre outros - facilita a vida urbana e permite a evolução da humanidade, por outro os torna super dependentes (GRAHAM, 2016).

Existem ainda diversos fatores que proporcionam a sensação de segurança na população. A presença de outras pessoas em movimento e/ou realizando atividades rotineiras normalmente transpassa a sensação de segurança. Seres humanos são sociáveis, então a presença de “outros” convivendo pacificamente os desperta ainda que, subliminarmente, uma sensação maior de segurança. (GEHL, 2015).

Secchi (2020) afirma que a cidade, com toda a sua contradição, continua sendo um espaço de refúgio e de encontros entre e para as pessoas, mesmo que não seja disponibilizada para todos de maneira igualitária. A mesma cidade que une elementos ambientais, aspectos infra estruturais e, sobretudo, pessoas diante das suas arquiteturas, muitas vezes deslumbrantes, são segregadas pelas mesmas, que as expulsam e escondem o direito de pertencimento de uma parcela da população daquele local. Sendo assim, o belo (da cidade) passa a ser seletivo aos olhos de uma parte da sociedade.

Esses modelos de produção, basicamente, funcionam como uma grande engrenagem de segregação social, eles promovem o crescimento e a acumulação de privilégios para alguns poucos moradores de determinadas regiões da capital. Enquanto isso, outras localidades são negligenciadas e se tornam pauta de discussão sobre acesso a cidade, a educação, a saúde, ao trabalho e ao lazer. Um recorte micro de um obstáculo macro que, tradicionalmente, envolve o Estado, as estratégias políticas de segurança pública e os próprios habitantes dessas localidades. Graham (2016) aborda o fato de que as cidades possuem uma relativa igualdade econômica e social, como as da Europa Ocidental, tendem a oferecer uma sensação de segurança, enquanto as cidades que são marcadas pelas desigualdades, por medos, crimes, violência e militarização constante. “[...] os pobres da cidade são muitas vezes confrontados com redução nos serviços públicos, de um lado, e uma palpável demonização e criminalização do outro.” (GRAHAM, 2016, p. 52-53).

As disparidades impostas pelos agentes sociais levantam barreiras e criam campos de batalhas como cita Roberto Lobato Corrêa (2004, p. 12) em seu livro “*O espaço urbano*”, “Estes agentes são os seguintes: (a) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; (b) os proprietários fundiários; (c) os promotores imobiliários; (d) o Estado; e (e) os grupos sociais excluídos.”, esses “agentes” refletem ironicamente na morte e deterioração da vida urbana em locais com grandes vias e diversos acessos às áreas centrais da cidade.

## 2.1 MORTE URBANA

A morte urbana de um bairro está intrinsecamente ligada à segregação residencial, e aos aspectos do planejamento urbano priorizado pelo Estado capitalista. Portanto, de forma orquestrada há o apagamento e a morte da vida urbana no bairro, Corrêa (2004, p. 28) lembra ainda que a “[...] expulsão dos pobres residentes em cortiços junto ao centro da cidade, redireciona a segregação residencial e viabiliza o capital imobiliário que tem oportunidade de realizar bons negócios em áreas onde o preço da terra é, pela proximidade do centro, bastante elevado [...]”. Dessa morte urbana também surge vida, os morros e aterros criam espaços de ocupação populacional, mesmo que haja risco iminente, grande parte desse grupo social excluído (sobre)vive longe do centro da cidade, sem facilidade de acesso ao transporte público ou aos dispositivos públicos de segurança, saúde, bem-estar e lazer.

É preciso caracterizar, primeiramente, a morte do espaço urbano com a ausência de transitoriedade de seus habitantes (moradores), ausência de vida social local e em suas proximidades, lacunas construídas a partir da falta de aparatos e equipamentos urbanos, abrem espaço para a violência, a marginalização e a criminalidade. É necessário a falta de um desses fatores para o surgimento de diversos outros, e por fim, o resultado final é um bairro com altas taxas de homicídios, ou seja, Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) e de Crimes Violentos contra o Patrimônio (CVP). Para Gehl e Jacobs (2015; 2011) a presença de ‘outros’ indica que um lugar é considerado bom e seguro, quando existem ‘olhos nas ruas’ ou ‘olhos sobre as ruas’ perpassando a sensação de proteção, visto que a proximidade das residências e dos moradores tem um papel vital na segurança. Logo, quando não há a presença de vida humana ativa, o local tende a ser inseguro e considerado morto.

A organização dos espaços urbanos através do Estado promove não só as exclusões socioespaciais, mas também a segregação residencial. Nesse sentido, Corrêa (2004, p. 26) menciona que:

[...] a atuação do estado se faz, fundamentalmente e em última análise, visando criar condições que viabilizem o processo de acumulação e a reprodução das classes sociais e suas frações. [...] através da alocação espacialmente diferenciada dos equipamentos de consumo coletivo, o Estado também interfere na segregação residencial.

Não se pode deixar de atentar ainda para o fato de que a cidade é dividida e ocupada em dois espaços distintos e por grupos distintos: a) pela classe média e alta brasileira, em casas e apartamentos espaçosos e luxuosos; b) por assalariados que vivem em cortiços e espaços minúsculos, também chamados de “periferia” ou “favelas”. A fim de exemplificar essa divisão socioespacial soteropolitana dos centros urbanos e dos bairros ditos periféricos, citando Caldeira (1996) que traz como exemplo histórico a cidade de São Paulo, entre as décadas de 40 à 80, e como esse processo foi transformando o padrão de moradia paulistano e de acesso desses grupos sociais na atmosfera urbana ao longo dos anos, revelando de forma acentuada mecanismos de segregação espacial. Duas localidades que contrastam e ao mesmo tempo convergem de forma latente suas limitações.

A transição de modelos econômicos aliada ao processo de transformação da cidade e dos espaços urbanos, assim como dos seus equipamentos, é perceptível no decorrer dos anos. Os modelos de trabalho, práticas de consumo, aspectos geográficos e geopolíticos, além dos poderes de execução e desempenho do Estado nas questões sociais sofreram e ainda sofrem grandes modificações. A sociedade ocidental ainda permanece dentro dos padrões equalizadores de desigualdade, em função do lucro e do poder (HARVEY, 2005). É necessário refletir sobre o planejamento urbano proposto pelo Estado, e que se torna um ponto de partida e de chegada para a estagnação, por não experimentar mudanças e não acolher os grupos sociais excluídos.

A criação desses núcleos urbanos em sua premissa está direcionada para uma parcela da sociedade que pode usufruir de boa iluminação nas calçadas e praças, de ruas bem pavimentadas, de aportes sociais como escolas, postos de saúde, rondas policiais, bancos e centros comerciais bem estruturados e organizados como *shopping centers*, entre outros. Um passo adiante na questão da transformação urbana, sobretudo, dos consequentes entraves trazidos por ela no passado, Kropf (1996, p. 148) citado por Valladares (2005, p. 42), diz que “[...] para resolver os problemas de uma cidade era preciso uma administração competente, inacessível às injunções políticas e baseada no princípio da submissão da política à técnica, ‘descompromissados com interesses pessoais ou partidários, e moralmente voltados para a defesa do bem comum da nação’”. Essas palavras ainda ecoam de forma contundente na atualidade, o Estado e a sociedade ainda precisam dialogar de forma uníssona para que os problemas históricos erguidos com base na falta desse diálogo possam ser resolvidos.

Comumente somos chamados à realidade. À realidade para o desenho que a cidade e seu entorno ganham a partir de projetos mal estruturados, irregulares ou até mesmo a falta deles. Para Lima (2004) essa construção dos núcleos urbanos tem como proposta primordial planejar espaços físicos que acolham as atividades humanas, porém esses mesmos espaços não parecem ter sucesso de forma isolada. É o metabolismo social, em outros termos, o indivíduo funciona como força motora da *performance* urbana na cidade, o próprio dinamismo social do homem contemporâneo está intimamente relacionado aos aspectos de sua percepção de segurança em grandes aglomerados urbanos. Certamente, a criação de espaços urbanos, com pouca ou nenhuma infraestrutura, permeia toda discussão que se tenta fazer sobre qualidade de vida urbano ambiental, mecanismos de descrição dos espaços urbanos e o organismo pulsante que são os moradores da cidade ou do bairro onde vivem (LIMA, 2004; OLIVEN, 2009; 2010).

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

O campo da ciência constituído pela normatividade acadêmica é parte estruturante da sociedade ocidental. A ciência é a principal forma de busca e instauração da realidade, dessa forma, ela transforma-se em uma tentativa não exclusiva, nem definitiva do conhecimento empírico que permeia as relações humanas e o meio social. O saber científico resulta da ação dos pesquisadores que interrogam os dados, formulam os conceitos e relacionam entre si as questões evidenciadas nesse percurso (LAKATOS; MARCONI, 2017; MINAYO, 2001).

Essa pesquisa é de caráter misto, pois corresponde a partir de técnicas e abordagens a coleta de dados qualitativos e quantitativos, fazendo uma integração dos dados em diferentes estágios investigativos. Para as abordagens qualitativas foram empregadas estratégias de investigação em relação ao contexto e ao ambiente social dos moradores, além disso, para as abordagens quantitativas foi realizado o levantamento de dados numéricos (estatísticos), observando e mensurando os dados de forma não-tendenciosa, e por fim, usando padrões de validade e confiabilidade bibliográfica da literatura científica (CRESWELL, 2007).

Os instrumentos utilizados para realização da coleta de dados não são separados, os métodos e as práticas de pesquisa são movimentos de neutralidade que constituem uma determinada abordagem, dentro dessa perspectiva, Triviños (1987, p. 137) afirma que “Se aceitamos este ponto de vista, da ‘neutralidade’ natural dos instrumentos de Coleta de Dados, é possível concluir que todos os meios que se usam na investigação quantitativa podem ser empregados também no enfoque qualitativo.”

Inicialmente foi realizada revisão bibliográfica acerca do tema estudado, e posteriormente, a análise dos resultados coletados diretamente do banco de dados do QUALISalvador para a construção dessa escrita, foi realizado um recorte de renda, escolaridade, gênero, idade e cor/etnia. Para aplicação do questionário a amostra estabelecida no projeto QUALISalvador era em torno de cem a cento e dez questionários por bairro, o que não foi possível realizar no bairro do Retiro devido a redução da população e indisponibilidade de moradores no período da pesquisa, culminando na realização de trinta entrevistas com famílias residentes no bairro do Retiro em Salvador entre os anos de 2018 a 2020. Além disso, o artigo fundamenta-se também nos dados disponíveis do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA). Promover a análise desses dados contribui fortemente com a discussão sobre a transformação urbana: o medo coletivo, a segregação residencial, assim como as limitações urbanísticas distribuídas pelas condições irregulares e pela mínima ou quase nenhuma possibilidade de oferta das vias e dos serviços públicos de água, esgoto, eletricidade, entre outros.

### **4 A VIDA E MORTE DO BAIRRO DO RETIRO**

Caracterizar o bairro do Retiro exigiu um debruçar criterioso, pois não foram encontrados estudos com dados que permitissem retratar de forma específica a região, visto que para vários autores o local se confunde com bairros limítrofes como: Arraial do Retiro, Fazenda Grande do Retiro e São Gonçalo do Retiro dificultando também a identificação de informações claras suficientes para desenhar uma imagem mais aprofundada dos seus aspectos urbano-espaciais. O livro *Caminho das Águas*, de forma sucinta, faz um delinear dos limites do bairro, partindo do Largo do Retiro segue até a Avenida Barros Reis, chega a BR 324, com sua afluência até o Acesso Norte, percorre por este caminho até a interseção com a Avenida Antônio Carlos Magalhães. Assim, segue seu encontro com a Avenida Barros Reis e cruza com o Largo do Retiro (SANTOS et al, 2010), divergindo em alguns pontos da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia que entende que o início do bairro ocorre no Largo do Retiro segue o

canteiro central da Avenida Barros Reis, ligado a avenida General San Martin e o Viaduto da via Expressa. Ademais, a pesquisa de campo realizada pelo projeto QUALISalvador é um significativo alicerce quanto a produção de conhecimento sobre o referido local.

Quanto ao número de habitantes os dados do QUALISalvador apresentados neste artigo, por ser uma pesquisa mais recente, apontam um total de 346 moradores diferente de outras fontes, a exemplo, do número indicado pelo IBGE obtido através do último Censo Demográfico realizado no ano de 2010 e que corresponde a 262 moradores.

A implantação de novos sistemas de mobilidade impulsionou a questão da migração forçada de moradores do local o que segundo Hita (2020), ao descrever a construção e implantação dessas novas modalidades de locomoção oferecida à população, a estrutura da cidade é modificada, essa modificação implica na remoção de um grupo de sujeitos socialmente excluídos, sendo assim, novas configurações surgem e a cidade e o espaço urbano são remodelados a partir de novas atuações do Estado. Neste sentido, uma das explicações cabíveis para este fenômeno no bairro foi a implantação do modal metroviário, que trouxe desde sua fase inicial no planejamento a desapropriação de imóveis comerciais e residenciais, conforme consta no relatório “Condicionantes Institucionais aos Investimentos em Infraestrutura no Brasil: Sistema Metroviário de Salvador e Lauro de Freitas”, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2017, p. 12).

As próximas seções estão divididas em duas etapas: a primeira etapa será realizada uma breve caracterização do bairro do Retiro com os resultados da pesquisa em relação a renda, escolaridade, gênero, idade, cor/etnia; e a segunda etapa mostra os indicadores de violência e a percepção de segurança dos moradores.

#### 4. 1 A VIDA NO BAIRRO DO RETIRO

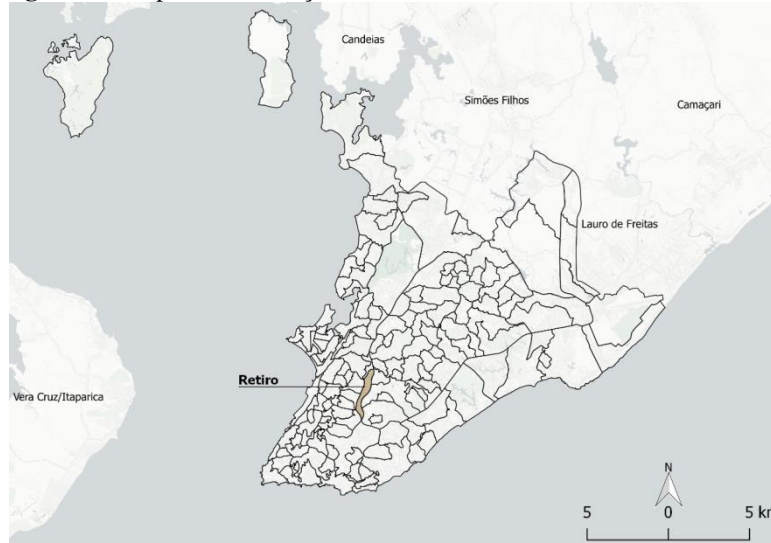
O bairro é mostrado a partir de um organismo físico, uma parte do urbano que se expande em diversos ângulos, eixos e direções. Assim sendo, pensar bairro, requer pensar antes de tudo no cidadão, pois o morador de um determinado local constitui sua história, ele carrega experiências, elementos sociais, econômicos e até simbólicos que moldam a cidade. Para Rossi (2001, p. 70) em seu livro “*A Arquitetura da Cidade*”, “[...]~o bairro torna-se, pois, um momento, um setor da forma da cidade [...] é caracterizado por uma certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por uma função; portanto, uma mudança num desses elementos é suficiente para alterar o limite do bairro”.

Por volta de uma década, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), Salvador era a segunda capital com o maior número de bairros ditos periféricos no Brasil. O banco de dados do Censo Demográfico de 2010 apontava que, aproximadamente, 882.204 mil pessoas viviam em áreas de risco ou também chamados aglomerados subnormais, termo utilizado pelo IBGE para definir moradias e habitações irregulares que são comumente conhecidas como favelas ou periferias. Nesse sentido, cabe afirmar através de Valladares (2005) que favela é um termo utilizado para descrever espaços urbanos ocupados pela pobreza, violência, tráfico de drogas – símbolo da segregação socioespacial, local de fragmentações, onde os olhares de fora reforçam estigmas de um desconhecimento acerca da vida e rotina de seus moradores. Guimarães (2020), ao falar sobre periferia, destaca que, em sua configuração apresenta características de ocupações irregulares, assentamento em locais onde o aporte de equipamentos públicos é insatisfatório, com infraestrutura insuficiente para atender as necessidades da população local, assim, configurando um local carente e inseguro.

Algumas das principais características desses aglomerados subnormais são a falta ou inexistência de esgotamento sanitário, de fornecimento de energia, de abastecimento hídrico, da coleta de lixo, irregularidade e restrição do uso do solo. Atualmente, a posição que a capital

ocupa ainda é preocupante, os resultados apresentados pelo IBGE em dezembro de 2019, a partir do Censo de 2010, por exemplo, mostra que 375.291 moradias foram identificadas como aglomerados subnormais, esse número representa 41,83% do total em Salvador (IBGE, 2020). O bairro do Retiro, também conhecido como Rua José Barros Reis (antiga Entrada do Retiro), está localizado, conforme apresenta a Figura 1, entre os vetores de crescimento do Subúrbio Ferroviário e o Miolo, onde atualmente abriga o modal metroviário. Conforme já mencionado, o bairro possui um total de 346 moradores, esse número populacional é inferior, se comparado aos demais bairros da cidade.

**Figura 1** - Mapa de localização do bairro do Retiro na cidade de Salvador



Fonte: Elaboração própria (2021)

De acordo com a pesquisa, e como apresentado na Tabela 1, o bairro é composto em sua maioria por habitantes do sexo masculino (53,33%), enquanto para o sexo feminino esse percentual é de (46,67%).

**Tabela 1** - Dados referente ao Gênero da população do bairro do Retiro na cidade de Salvador

<b>Sexo</b>		
<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Outro</b>
<b>53,33%</b>	<b>46,67%</b>	<b>0,00%</b>

Fonte: Elaboração própria (2021)

Ao observar a Tabela 2, a renda familiar dos moradores revela que, existe uma variação de renda que está classificada em quatro grupos. O primeiro grupo apresenta um quantitativo de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo que corresponde a (11,33%) dos habitantes do bairro, o segundo grupo mais de  $\frac{1}{2}$  a 1 salário mínimo que corresponde a (36,67%), o terceiro grupo mais de 1 a 2 salários correspondendo a (19,33%), e o quarto grupo mais de 2 a 3 salários que corresponde a (8,00%). A análise dos dados nos permite identificar que os moradores do bairro do Retiro pertencem ao perfil de classe média - baixa considerando que estes são assalariados com renda variando entre  $\frac{1}{2}$  e 3 salários mínimos e vivem em um bairro dito periférico, conforme Corrêa (2004).



**Tabela 2** - Dados referente a Renda Familiar da população do bairro do Retiro na cidade de Salvador

<b>Renda Familiar (em SM)</b>									
<b>Até 1/2</b>	<b>Mais de 1/2 a 1</b>	<b>Mais de 1 a 2</b>	<b>Mais de 2 a 3</b>	<b>Mais de 3 a 5</b>	<b>Mais de 5 a 10</b>	<b>Mais de 10 a 15</b>	<b>Mais de 15 a 20</b>	<b>Mais de 20 a 30</b>	<b>Mais de 30</b>
11,33%	36,67%	19,33%	18,67%	8,00%	4,67%	0,67%	0,00%	0,67%	0,00%

Fonte: Elaboração própria (2021)

A Tabela 3 ilustra o nível de escolaridade da população residente do bairro, o número de analfabetos corresponde a (6,67%), nível fundamental I (13,33%), nível fundamental II (36,67%) e ensino médio (40,00%). A pesquisa demonstra uma desigualdade sobre a realidade do nível escolar dos moradores do bairro, evidenciando uma fragilidade em relação à formação acadêmica, visto que a maior parte desta população, (60,00%), figura entre os grupos de: analfabetos, Alfabetização de Jovens e Adultos, Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II. Além disso, nota-se também que embora 40,00% dos moradores tenham concluído o ensino médio este é o grau máximo alcançado pelos habitantes do Retiro indicando que o nível escolar atingido por essa população, não ultrapassa o ensino médio.

**Tabela 3** - Dados referente a Escolaridade da população do bairro do Retiro na cidade de Salvador

<b>Escolaridade</b>									
<b>Analfabeto</b>	<b>Apenas sabe ler e escreve</b>	<b>Alfabetização de Jovens e Adultos</b>	<b>Ensino Fund. I</b>	<b>Ensino Fund. II</b>	<b>Ensino Médio</b>	<b>Grad.</b>	<b>Espec.</b>	<b>Mest.</b>	<b>Dout.</b>
6,67%	0,00%	3,33%	13,33%	36,67%	40,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

Fonte: Elaboração própria (2021)

A Tabela 4, retrata a faixa etária dos moradores do Retiro, de acordo com os dados mostrados, a faixa de idade com maior predominância é a de 35 a 39 anos correspondendo a (20,00%) da população do bairro. Chama atenção não haver informações sobre as faixas etárias de 0 até 14 anos e de 45 a 49 anos, bem como a faixa etária da população jovem, de 15 a 29 anos, residente do bairro totalizar apenas (3,33%).

**Tabela 4** - Dados referente à Idade da população do bairro do Retiro na cidade de Salvador

<b>Idade</b>									
<b>até 14 anos</b>	<b>15 a 19 anos</b>	<b>20 a 24 anos</b>	<b>25 a 29 anos</b>	<b>30 a 34 anos</b>	<b>35 a 39 anos</b>	<b>40 a 44 anos</b>	<b>45 a 49 anos</b>	<b>50 a 54 anos</b>	<b>55 a 59 anos</b>
0,00%	3,33%	3,33%	3,33%	3,33%	20,00%	6,67%	0,00%	6,67%	16,67%

Fonte: Elaboração própria (2021)

A Tabela 5, refere-se à cor/etnia dos moradores, quando (3,33%) se autodeclararam da cor branca, (36,67%) autodeclarados da cor preta e da cor parda (56,67%). Dito isso, é possível identificar que uma das características marcantes dos bairros conhecidos como periféricos, é a predominância de negros e pardos entre seus habitantes, conforme Santos (1996; 1997), o que no caso do Retiro representa 93,34% dos residentes.

**Tabela 5** - Dados referente à Cor/Etnia da população do bairro do Retiro na cidade de Salvador

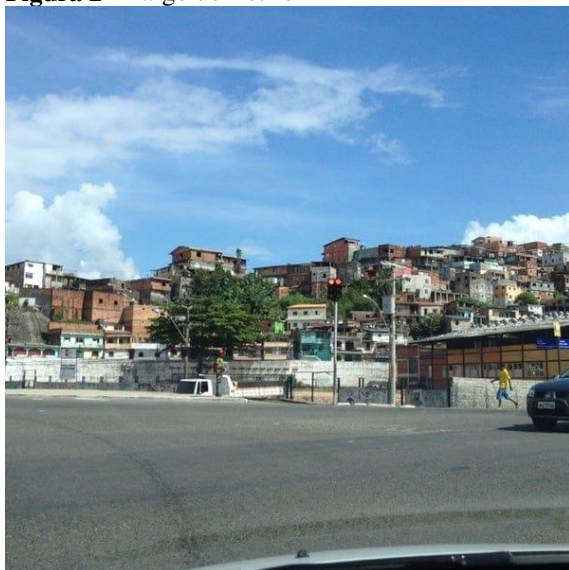
<b>Cor/Etnia</b>				
<b>Branca</b>	<b>Preta</b>	<b>Amarela</b>	<b>Parda</b>	<b>Indígena</b>
3,33%	36,67%	0,00%	56,67%	3,33%

Fonte: Elaboração própria (2021)

## 4. 2 A MORTE NO BAIRRO DO RETIRO

A morte de um bairro como já caracterizada anteriormente explicita a morte de um espaço urbano pela falta de movimento do cidadão, contudo existem outros aspectos que contribuem para o apagamento de um lugar, e eles precisam ser reforçados aqui: em primeiro lugar, temos a questão da globalização e os efeitos dela no mercado imobiliário, ao cortar e distanciar relações com localidades “periféricas”, afastando não só indivíduos mas espaços também; um segundo ponto que está atrelado ao primeiro é o elo do indivíduo com sua realidade socioeconômica - os modelos de produção de forma perversa agravam e ampliam questões como a fome, a miséria e a pobreza fomentando a violência urbana generalizada; um terceiro movimento diz respeito a cor da pele, os dados mostram que a grande parte da população, vivendo em bairros com pouca ou nenhuma estrutura, é de negras e pardas - cabe aqui destacar Santos (1996; 1997, p. 135) que esclarece muito bem sobre como “[...] A escravidão marcou o território, marcou os espíritos e marca ainda hoje as relações sociais (e espaciais) deste país”. No contexto da cultura contemporânea a violência, o medo e a insegurança têm transformado a vida urbana e os espaços de convívio e sociabilidade, essa transformação está nos mecanismos de defesa dos moradores em resposta a violência, para se proteger eles restringem a exposição nas ruas, ocorrendo assim um esvaziamento destas.

**Figura 2** - Largo do Retiro



Fonte: Google Maps (2021)

**Figura 3** - Rua Martiniano Bonfim



Fonte: Google Maps (2021)

Tratar das relações entre o cidadão e o seu bairro, requer uma breve abordagem sobre o conceito de cidadania. Em linhas gerais, a cidadania pode ser definida como uma espécie de modelo para adquirir *status*, ser cidadão é exercer direitos e deveres, é ser reconhecido como membro de uma comunidade. Frequentemente esses direitos não existem ou são violados. Para Santos (1997a), as cidadanias mutiladas representam a morte não somente do sujeito urbano enquanto peça fundamental da representação da cidade, mas a morte também do espaço onde ele convive com outros indivíduos. Essa mutilação é representada através de oportunidades negadas, da remuneração retaliada, da falta de educação, da má localização de sua moradia, do número de mulheres negras e homens negros que vivem não só o preconceito racial, mas o preconceito da existência em espaços urbanos degradados ao qual estão inseridos.

Diante da necessidade de harmonizar e reforçar o trabalho policial estreitando as relações entre os órgãos que integram o Sistema Estadual de Segurança Pública na Bahia, foram criadas as Regiões Integradas de Segurança Pública (RISP) e as Áreas Integradas de Segurança Pública

(AISP). O Retiro pertence a RISP Baía de Todos Santos e a AISP 4 - São Caetano, agregada juntamente com outros bairros pelas suas proximidades, ele se inicia a partir do Largo do Retiro segue o canteiro central da Avenida Barros Reis, ligado a avenida General San Martin e o Viaduto da via Expressa. A AISP 4 é formada pelos bairros do Retiro, Campinas de Pirajá, Marechal Rondon, Capelinha, Boa Vista do São Caetano, São Caetano, Fazenda Grande do Retiro, Bom Juá e Pirajá.

A tabela a seguir mostra dados extraídos da Secretaria de Segurança Pública sobre a criminalidade no bairro, e retrata também a Percepção de Insegurança dos moradores do bairro do Retiro.

**Tabela 6** - Crime Violento Letal intencional, Crime Violento contra o Patrimônio e Percepção de Insegurança. Dados da Secretaria de Segurança Pública -SSP-BA (2019) e QUALISalvador (2020)

Bairro	População	CVLI	CVP	CVLI por 10.000 habitantes	CVP por 10.000 habitantes	Percepção de Insegurança (%)
Retiro	346	4	138	115,52	3985,48	46,67%

Fonte: Elaboração própria (2021)

A percepção de segurança revelada nas respostas aos questionários aponta que no Retiro do total de respondentes do gênero masculino 56,25% sentem-se inseguros, já em relação aos respondentes do gênero feminino esse percentual é de 35,71%. O que nos leva a inferir que essa percepção deve-se ao fato de que os homens estão mais vulneráveis a violência, sobretudo, em bairros ditos periféricos onde a maioria da população masculina é de homens negros ou pardos, conforme Santos (2002, p.161) “Ser negro no Brasil é, pois, com frequência ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predestinado, lá embaixo para os negros, e assim tranqüila, se comporta.”.

Ainda sobre a percepção de segurança dos moradores quando perguntados o que poderia trazer mais segurança ao bairro 56,67% do total de moradores entrevistados no Retiro responderam “Ronda no bairro”, 13,33% apontaram “Trabalho e emprego”, 6,67% indicaram “Investimentos em infraestrutura no bairro”, 3,33% responderam “Investimentos socioeducacionais”, 6,67% sinalizaram “Ter uma delegacia/posto policial” e finalmente 3,33% “Policimento Ostensivo”. Como já mencionado anteriormente, a falta efetiva de equipamentos públicos pode ser um fator que leve as pessoas a uma percepção de insegurança, ao considerar que quase 60,00% dos moradores entendem a Ronda Policial como elemento primordial para a segurança no bairro, deste modo, não compreende que investir em ações socioeducacionais e na infraestrutura do bairro possam ser soluções viáveis para trazer mais segurança ao local.

É necessário salientar que as poucas respostas dos moradores sobre a importância de investimentos socioeducacionais, infelizmente, refletem na má gestão pública e no sucateamento de serviços públicos de qualidade. A educação não aparece nos resultados como uma prioridade para trazer segurança ao bairro, os moradores acreditam que rondas e policiamento ainda promovem maior segurança nas comunidades. Um pensamento equivocado dos moradores, que gera impactos drásticos para o desenvolvimento do bairro.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de poder e segregação estabelecidas pelo Estado refletem o abandono dos espaços públicos, o que pode gerar degradação das relações sociais, levando a população de uma cidade ou bairro à condição de vulnerabilidade.

O bairro do Retiro possui características muito próprias que são evidenciadas pelo baixo número de moradores e altos indicadores de criminalidade, o que merece análise.

Ao buscar identificar o perfil dos moradores do bairro do Retiro através da renda, escolaridade, gênero, idade, cor/etnia verificou-se que a maioria dos moradores são negros, categoria constituída por pretos e pardos; estão na faixa etária superior a 30 anos; e possuem formação máxima até o ensino médio.

Ao analisar a taxa de homicídios em relação ao número de habitantes do bairro no período em questão, verificou-se que a ocorrência de 4 homicídios (CVLI) e 138 ocorrências de crimes Violentos contra o Patrimônio. Considerando a população local bem reduzida, ao utilizar os parâmetros da segurança pública - ocorrência por 10.000 habitantes – verifica-se índices muito altos para os padrões da cidade. Assim tem-se CVLI de 115,52% e CVP de 3.985,48%.

Esse conjunto orquestrado evidencia a deterioração dos espaços públicos, o abandono da vida social e, conseqüentemente, sua morte. Percebe-se assim que para os moradores do bairro do Retiro a percepção de segurança é advinda em sua maior totalidade quando há a inserção da polícia no bairro, e que os outros fatores apontados na pesquisa, a exemplo, infraestrutura do bairro e ações socioeducacionais foram os menos apontados por estes.

Logo, a morte dos espaços urbanos está associada aos movimentos de evasão dos moradores e da falta de políticas públicas que estabeleçam uma qualidade de vida urbano-ambiental no bairro.

## REFERÊNCIAS

- BAHIA (Estado). Secretaria de Segurança Pública. CVP e CVLI entre os anos de 2017 e 2020. Salvador: SSP/BA, 2021.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 47, mar. 1997.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004. cap. 3, p. 11-31.
- CRESWELL, Jonh W. Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- GRAHAM, Stephen. Cidade sitiadas: o novo urbanismo militar. Trad. Alyne Azuma. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GEHL, Jan. Cidades para pessoas; tradução Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2. ed. 2015.
- GUERRA, Isabel Carvalho. Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso. Cascais: Ed. Principia, 2006.
- GUIMARÃES, Iracema Brandão. Dinâmica urbana e contextos de periferização: tendências e cenários sociais locais. In: GLEDHILL, John; HITA, Maria Gabriela; PERELMAN, Mariano (org.). Disputas em torno do espaço urbano: processos de [re]produção/construção e apropriação da cidade. 2. ed. Salvador: Edufba, 2020, p. 155-178.
- HARVEY, David. A Produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.
- HITA, Maria Gabriela. Uma comunidade periférica da cidade de Salvador: entre a requalificação urbana e a pacificação policial. In: GLEDHILL, John; HITA, Maria Gabriela;

PERELMAN, Mariano (org.). Disputas em torno do espaço urbano: processos de [re]produção/construção e apropriação da cidade. 2. ed. Salvador: Edufba, 2020. p. 221-247.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Aglomerados subnormais: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

IBGE. Aglomerados Subnormais 2019: classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento da COVID-19. Rio de Janeiro: IBGE, 18 maio 2020.

IPEA. Condicionantes Institucionais aos Investimentos em Infraestrutura no Brasil: Sistema Metroviário de Salvador e Lauro de Freitas. Rio de Janeiro: IPEA, 2017.

LIMA, Cristina de Araújo. Multiespecialidades metropolitanas e construção social do lugar - rumos para a sustentabilidade. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Rio de Janeiro: Ed. UFPR, n. 9, jan/jun. 2004, p. 39-56.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.

KROPF, Simone Petraglia. Sonho da razão, alegoria de ordem: o discurso dos engenheiros sobre a cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. In: HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone; NUNES, C. *Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro — 1870-1937*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEN, Ruben George. *Metabolismo social da cidade e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2009. E-book.

OLIVEN, Ruben George. *Violência e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2010. Edição Kindle.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Ed. Brasiliense. 2017. Edição Kindle.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da Cidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Elisabete (org.). *QUALIDADE DO AMBIENTE URBANO DE SALVADOR - QUALISalvador: Projeto de investigação da qualidade do ambiente urbano de Salvador*.

SANTOS, Elisabete; PINHO, José Antônio Gomes de; MORAES, Luiz Roberto Santos; FISCHER, Tânia. *O caminho das águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes*. Salvador: CIAGS/UFBA; Sema, 2010.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. In: RIBEIRO, Wagner Costa. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002 [200].

SANTOS, Milton. *Cidadanias mutiladas*. In: LERNER, Julio (org). *O preconceito*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

SECCHI, Bernardo. *A cidade dos ricos e a cidade dos pobres*. Trad. Renata De Oliveira Sampaio. Belo Horizonte: Ed. Âyiné. 2019. Edição Kindle.

SILVA, Roberto Antero. Aglomerados subnormais: definição, limitações e críticas. *Revista GeoUECE*, Fortaleza/CE, n. especial. dez. 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 2005. Edição Kindle.